



## Emygdio de Barros: o poeta do espaço

Glória Chan

*Análise da obra do artista pelo recorte das pinturas que retratam seus espaços cotidianos, considerando sua experiência como interno de hospitais psiquiátricos, antes e depois de frequentar o ateliê do Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro. Estuda a mudança paradigmática do tratamento psiquiátrico no século 20, destacando o trabalho da psiquiatra Nise da Silveira e os conceitos de arte bruta, de Jean Dubuffet, e arte virgem, de Mário Pedrosa.*

*Expressão artística, arte e terapia, arte e esquizofrenia, imaginário e espaço vividos.*

Pintura I  
óleo sobre papel  
madeira, 01/07/1970,  
33x48cm  
Fonte: T-1887 - Acervo do  
Museu de Imagens do  
Inconsciente

*Lá fora está o mundo  
externo ensolarado.  
Mas, contidos do lado  
de dentro, abaixo da  
janela, e nos vidros  
laterais, conteúdos do  
mundo interno, do  
inconsciente,  
borbulham, tentando ir  
romper e invadir o  
campo do  
consciente. (Nise da  
Silveira)*  
Emygdio de Barros,  
óleo/tela, 1948,  
65x91 cm  
Fonte: T - 0934 Acervo do  
Museu de Imagens do  
Inconsciente

Para dar conta da compreensão das imagens criadas por Emygdio de Barros utilizei os olhares da fenomenologia, da Gestalt, da geografia, da antropologia, da sociologia da arte, da história da arte e outras filosofias do significado que enveredavam, todas, para a análise da relação homem e mundo, considerando-a construtora do sentido da experiência vivida e que desses fenômenos surgem o "motivo" para a expressão e a criação de imagens.

Diante da variedade e da quantidade de imagens produzidas por Emygdio, fiz um recorte, selecionando as que tratam e reproduzem as questões do espaço. Imagens de lugares distintos, que refletem a dicotomia existente no próprio hospital e em sua vida.

Emygdio de Barros nasceu em 1895, no estado do Rio de Janeiro. Era o filho mais velho e tinha um só irmão. Desde a infância revelou incomum habilidade manual, construindo com velhas caixas e pedaços de madeira brinquedos surpreendentes.

Na escola primária e no curso secundário foi sempre o primeiro da classe. Fez o curso técnico de torneiro mecânico e ingressou

no Arsenal de Marinha. Destacando-se pela qualidade de seu trabalho, em 1922 foi para a França em missão militar e lá permaneceu durante dois anos. Ao regressar teria encontrado a mulher que amava noiva de seu irmão; abandonou então o emprego, passando a andar pelas ruas, sem destino, até tarde da noite, ou a entrar nas igrejas, onde ficava horas inteiras de pé, imóvel, olhos fixos. Por apresentar atitudes características de esquizofrenia, foi internado pela primeira vez em 25 de junho de 1924 no Serviço Nacional de Saúde Mental, na Praia Vermelha, na seção militar. Em janeiro de 1925 recebeu alta e voltou a trabalhar como torneiro mecânico no Arsenal de Marinha, mas permaneceu apenas dois meses, ficando sob licença médica. Em 1931, inconformado com o casamento de seu irmão com a mulher que amava, descontrolou-se em casa, sendo novamente internado na Seção Calmeil no Hospital Nacional de Saúde Mental.

No início de 1944 foi transferido para o Hospital Gustavo Riedel no Engenho de Dentro. Com o correr dos anos, sua atitude tornou-se de humilde aceitação da vida hospitalar. Ajudava na enfermagem em atividades

de tipo doméstico, obedecendo sempre às ordens de enfermeiros e guardas. Verificou-se posteriormente que, muitas vezes, fazia trabalhos superiores a suas forças, como levar na cabeça enormes trouxas de roupa suja para a lavanderia.

Emygdio permaneceu 23 anos internado, submisso e com a comunicação verbal comprometida. Espontaneamente, não se dirigia a ninguém. Preferia manter-se em silêncio. Em 1945, apresentava alterações no curso do pensamento, enquanto a memória permanecia intacta.

Em 1946, a dra. Nise da Silveira criou no complexo hospitalar do Engenho de Dentro o ateliê de pintura, adotando respeito e afeto como princípios básicos. Um oásis dentro da instituição. Mesmo com escassez de material, a atividade se desenvolvia, e expressar-se era o que importava. Os internos tinham a necessidade vital de contar suas histórias, e a arte foi a grande mediadora.

A trajetória artística de Emygdio iniciou-se em 1947, quando começou a frequentar a Seção de Terapêutica Ocupacional. Aprendeu depressa a complexa técnica do ofício de encadernador e realizava atento e de forma cautelosa esse trabalho, contradizendo as observações registradas no hospital. Para tentar promover outro tipo de expressão, foi-lhe proposto que experimentasse pintar, o que ele aceitou com satisfação.



Ao contrário dos demais frequentadores do ateliê de pintura, que se entregavam aos impulsos impetuosos do inconsciente, Emygdio pintava lentamente, com gestos delicados. Suas primeiras pinturas evocavam lembranças de locais agradáveis onde viveu.

Em suas composições, transparecem as diferentes maneiras de percepção dos lugares e espaços vividos, e, para analisar de forma mais objetiva, eu as dividi em categorias:

### Paisagens iniciais

Em sua primeira fase, Emygdio pinta paisagens que apresentam equilíbrio entre figura e fundo, com riqueza de colorido e limpeza na composição. Dotadas de singeleza, existe nessas obras um toque de imaginário, que ele diz serem reminiscências de lugares que conheceu. Em suas primeiras pinturas não se percebem os fenômenos da dissociação, frequentes na esquizofrenia. Ao contrário do esperado, as pinturas se apresentam extremamente ordenadas. Entre 1947 e 1949 Emygdio utiliza diversos materiais para retratar seus lugares vividos.

### A explosão do inconsciente (paisagens interiores)

O primeiro período da obra de Emygdio é curto. Logo depois ocorre uma verdadeira explosão do inconsciente em pinturas de intenso colorido e carregadas de imagens simbólicas. Uma das que ele destaca nesse segundo período é *Universal* – uma pintura impressionante, em que ele consegue criar uma estrutura unitária com objetos que normalmente não mantêm relações entre si. Embaixo uma escada conduz ao interior de casas intrincadas em meio às quais distingue-se um trem. Na parte superior do trabalho chamam atenção um sol multicolorido e uma torre de igreja.

*Universal*, 1948, óleo sobre tela, 105,4x109cm  
Fonte: T-0928. Acervo do Museu de Imagens do Inconsciente

*Segundo Mário Pedrosa analisando Universal, "apesar da extrema complexidade dos temas, onde predominam elementos arquitetônicos, a começar por fascinante escadaria que parece dar entrada para os planos centrais da composição, alternados por sugestões mecânicas, nas quais sobressai uma locomotiva em vermelho e marrom, o pintor revela-se aqui senhor de seus meios, quer quanto à estrutura, quer quanto ao colorido".*<sup>1</sup>

Ao contrário dessa primeira pintura em que elementos do mundo externo se combinam em complexa harmonia, Emygdio revela em seguida imagens do inconsciente, que assume total predomínio. Na tela que ele denominou *Carnaval*, povoada de imagens enigmáticas que emergem em explosão de formas e cores, lembrando cenas de sonho, as figuras que se destacam são imagens da mulher interior, da *anima*, reveladas sob diversas formas.

#### Oficinas mecânicas

Dois anos depois de começar a frequentar o ateliê de pintura, Emygdio escreve cartas pedindo sua volta à função de torneiro mecânico no Arsenal da Marinha. Era seu desejo sair do hospital e retornar ao trabalho, à vida na sociedade. Nesse período, Emygdio pinta uma extraordinária oficina com suas máquinas. Predominam na tela o vermelho e seus matizes, que revelam seu intenso desejo de voltar à profissão. Mário Pedrosa afirma que "*Oficina* é admirável no rigor dos planos geométricos, cuja secura as tonalidades rosa, rosas-roxos suavizam e unificam. É um quadro de impecável equilíbrio".<sup>2</sup> No momento em que Emygdio pintava essa tela a pintora Djanira estava em visita ao ateliê e mostrou-se admirada pelo equilíbrio da composição, tendo elogiado muito o trabalho de

Emygdio, que respondeu: "Não sou pintor, sou um operário".<sup>3</sup>

#### Paisagens rurais

Em janeiro de 1950, Emygdio sai do hospital, após 25 anos de internação e vai residir com parentes num lugarejo do interior, nas montanhas de Teresópolis. Segundo relatos, adapta-se bem à vida familiar, executando pequenas tarefas domésticas, realizando-as diariamente. É aceito pelos moradores do lugar e frequentemente visitado por Almir Mavignier, Mário Pedrosa e amigos, que levavam materiais de pintura como incentivo.

Nesse período realiza pinturas de alta qualidade artística, principalmente paisagens. Pinta também cenas de interiores de casas e alguns abstratos. Compõe quadros com parcelas de realidade que haviam sido pessoalmente vivenciadas numa única obra.

Em 1951, Mavignier viaja para a Europa, cessando as visitas que tanto estimulavam o pintor, que aos poucos perde o interesse pela pintura. Durante os anos que passou em Teresópolis e em Paraíba do Sul, Emygdio encontrou apoio e afeto, mas viu esse lar desmoronar com a morte do chefe da família. Na obra que denominou *Minha casa na Paraíba do Sul*, retrata uma casa em ruínas, com o espaço vazio e em desintegração, representando a dissolução da família com que viveu por tanto tempo.<sup>4</sup> Restou-lhe ir morar com seu irmão, no Rio de Janeiro, convivência que se tornou insustentável, resultando em sua reinternação em 1965.

Segundo Nise da Silveira, depois de viver 15 anos longe das tenazes do hospital psiquiátrico, Emygdio cai novamente no tumulto anônimo das enfermarias. Teve, apesar disso, a oportunidade de voltar a seu ateliê e experimentar, seja de forma figurativa ou abstrata, o núcleo de sua problemática emocional.

### Imagens do hospital psiquiátrico

Os espaços vividos nos tempos de encarceramento e de tratamentos desumanos são apresentados por um jogo de cores frias e com poucos elementos simbólicos, mas com grande carga emocional, ao contrário de sua pintura habitual. A motivação para a execução dessas obras é a indignação que invade Emygdio nesse momento. Ele formula então com grande profundidade o problema da internação através de uma linguagem simples. Invoca todo o seu passado de interno e cria imagens em que dá o melhor de sua percepção de espaço vivido. Faz uma pintura chapada, com pouca profundidade, sem movimento, em que traduz o silêncio e as emoções pelas linhas e cores sombrias.

Emygdio representa-se com um grupo de internos numa enfermaria. Trajados de uniforme, igualam-se todos à condição de mais um número na instituição. Ao fundo, as janelas, sempre com grades. A imagem tem seu peso deslocado pelo quadrado situado à esquerda sustentado por uma linha horizontal que serve de âncora ao lado direito do campo.

Em sua pintura dos espaços hospitalares predomina o monocromatismo (Pintura 1), como na enfermaria retratada com elementos simbólicos desenvolvidos com base na realidade dura e rígida da experiência da internação psiquiátrica, pintura toda em tons de cinza, revelando sua solidão diante das grades da enfermaria. Hospital e cárcere se confundem.

As imagens da categoria espaços hospitalares/enfermarias transmitem seu espanto em face da calamidade cotidiana, além de sufocante emoção, e a indignação que brota naturalmente. Conserva a imobilidade austera e cruel de uma camisa de força e da prisão.

Trata-se da denúncia da frieza, do tratamento desumano, da falta de identidade, através de "gritos" em tons de cinza e a solidão diante de grades.

### Ateliê de pintura

As vivências do espaço de Emygdio foram pouco a pouco sendo cunhadas em suas imagens, como se pode ver em uma das primeiras apresentações do ateliê de pintura, de 1949: de estrutura mais orgânica do que geométrica, trabalha paredes, teto, mobiliário, janelas abertas sem grades, introduzindo muitas cores na composição.

O espaço da Pintura 2 é organizado, possui jogo de linhas que constroem a perspectiva impecável da composição. A distribuição dos elementos da imagem é equilibrada. A luz é elemento relevante. Os tons escolhidos produzem efeito de equilíbrio e harmonia. A ausência de figura humana ressalta a importância do espaço e da sensação de tranquilidade que ele proporciona.

A série Ateliê de pintura é resultado de cuidadoso processo de composição. As obras foram concebidas do ponto de vista da experiência do frequentador no espaço do ateliê, transitando entre as mesas de trabalho, e proporciona a sensação de inserção no espaço, trazendo elementos do lugar: a cadeira, a mesa, a janela aberta. Essas obras são exemplos de sua capacidade criativa, e o uso de cores claras revela a alegria de Emygdio por frequentar esse ambiente que nos remete ao aconchego da casa de Bachelard.

O ateliê de pintura, enquanto espaço referencial, pode ser analisado pela conceituação simbólica da *casa* desenvolvida por Bachelard, segundo quem,

*A imaginação aumenta os valores da realidade. Uma espécie de atração concentra as imagens em torno da casa.*

*Através de todas as casas que encontramos abrigo, além de todas as casas em que já desejamos morar, podemos isolar uma essência íntima e concreta que seja justificativa para o valor singular que atribuímos a todas as nossas imagens de intimidade protegida (...) é preciso superar os problemas de descrição – seja essa descrição objetiva ou subjetiva, isto é, que ela nos diga fatos ou impressões – para atingir as virtudes primeiras, aquelas em que se revela uma adesão, de qualquer forma, inerente à função primeira de habitar (...) Encontrar a concha inicial, em toda moradia, mesmo no castelo, eis a tarefa primeira do fenomenólogo. Mas, quantos problemas conexos encontraremos se quisermos determinar a realidade profunda de cada um dos matizes de nossa atração por um lugar escolhido! Para um fenomenólogo, o matiz deve ser tomado como um fenômeno psicológico de primeira ordem. O matiz não é uma coloração superficial suplementar. É preciso dizer então como habitamos nosso espaço vital de acordo com todas as dialéticas da vida, como nos enraizamos, dia a dia, num canto do mundo.<sup>5</sup>*

Emygdio atribuiu ao ateliê de pintura o sentido e o valor da *casa* conceituada por Bachelard e nele redescobriu seu *canto no mundo*.

Em suas pinturas que retratam o ateliê acompanha-se a luta entre consciente e inconsciente, entre a percepção dos mundos externo e interno através das imagens do inconsciente, viagens ao longo de espaços desconhecidos, sofridas experiências de subversão do espaço. Se em determinados momentos ele retrata o ateliê bem próximo da realidade, em outros revela imagens simbólicas, mais próximas do mundo interno. E com frequência esses dois sistemas de percepção se mesclam.

#### Pintura ao ar livre

Os jardins do hospital por onde Emygdio transitou milhares de vezes durante os pesados anos de internação psiquiátrica encontram para sua expressividade um tratamento simbólico nas cores, que transmitem seus sentimentos e apontam para sua reorganização psíquica.

Não se trata de uma simples mudança de palheta, mas de significativa mudança no cotidiano. Um novo mundo surge nas pinturas de Emygdio.

Pintura 2  
guache e óleo sobre  
papel, 1967, 37x55cm  
Fonte: T-1672 – série ateliê  
Acervo do Museu de Imagens do  
Inconsciente



Pretendendo trazer o interno para o contato com a realidade, Nise da Silveira promovia momentos de pintura ao ar livre, num espaço conhecido por Morrinho dentro do terreno do Centro Psiquiátrico Pedro II. Emygdio o retrata muitas vezes e com técnicas variadas, incluindo os pintores, a caixa d'água e as árvores desse espaço.

Ao explorar as imagens de Emygdio percebe-se um jogo de matizes, claros e escuros que correspondem a sua experiência cotidiana. Estudou-se o espaço claro, caracterizado pela nitidez do contorno dos objetos, pela existência de espaço livre entre as coisas. O indivíduo sente diante de si a amplitude da vida. Outro tipo de espaço vivido, o espaço escuro, não se relaciona à luz física, porém à sensação de estar envolvido, apertado, oprimido por misteriosa obscuridade. Apaga-se a distância entre os objetos (distância vivida). O espaço vital estreita-se sem perspectivas. Esse estudo acentua o fato de que a experiência da espacialidade é essencialmente determinada pelo tom afetivo dominante no momento. O espaço adquire qualidades peculiares de acordo com o estado emocional do indivíduo: sensação de plenitude ou de vazio; de espaço amplo, iluminado, ou estreito, sombrio, opressor. A questão da ambiência é de grande importância para penetrar os espaços de Emygdio.

A STOR também promovia passeios fora do hospital, sendo um dos destinos a Floresta da Tijuca. Numa dessas ocasiões, Emygdio fez uma pintura a nanquim da Capela Mayrink que foi muito cobiçada pelo industrial e mecenas ítalo-brasileiro Cicillo Matarazzo, a quem Nise da Silveira respondeu: "nem por ouro, nem prata, nem por sangue de Aragão". Aquele desenho significava um marco importante, sendo a primeira representação da realidade externa imediata feita por Emygdio. Fora desenhado em plena natureza – atraído pela beleza do lugar, ele abandonou, ao

menos temporariamente, seu mundo onírico ou a evocação de paisagens atreladas a emoções da infância, temas até então constantes em sua pintura.

Em outra ocasião, levados a passear na Gávea, bairro da cidade do Rio de Janeiro, Emygdio "inspira-se para uma tela que não se subordina às restrições da realidade espacial nem ao tempo" e pinta natureza, flores, roupas no varal e, ao fundo, um esboço da Torre Eiffel, "recordações e saudades de sua adolescência e de sua viagem à Europa, em 1922."<sup>6</sup>

A partir de 1947 as obras de Emygdio de Barros estiveram presentes em muitas exposições no Brasil e no exterior. Em 1981, ele participou da mostra da XVI Bienal de São Paulo, o segmento denominado Arte Incomum, cujo propósito era despertar a atenção do público para uma produção altamente criativa, que estava à margem do sistema cultural, assim como a Art Brüt e Arte Virgem, e promover sua preservação e incentivar pesquisas a seu respeito.

No catálogo dessa Bienal, o curador internacional, Victor Musgrave, afirma tratar-se de arte sem precedentes, um mergulho nas profundezas da mente, transbordando emoções e sentimentos, e, no entanto, disciplinada pelos mais altos recursos técnicos. Refere-se a Emygdio como pintor por excelência, que constrói seus quadros com cores vibrantes, contrastes cromáticos violentos, mas equilibrados por passagens harmoniosas. Sua pincelada é densa, a matéria é espessa. A composição desenrola-se quase toda no primeiro plano, sem grandes preocupações com a profundidade, com a perspectiva. O desenho é conciso, de traços incisivos, enquanto a forma é definida pelo cruzamento, pelo entrechoque das pinceladas, que criam uma impressão de dinamismo e vitalidade.<sup>7</sup>

"Em *Janela* o jogo cromático já aparece mais em função das relações das cores entre si na tela, do que ao acaso da simbologia inconsciente. A pintura se torna mais regular, em manchas azuis e amarelas. Seu toque tende a individualizar-se, à Van Gogh, e o progresso no sentido da arrumação dos planos é evidente", foram as palavras de Mário Pedrosa sobre essa obra extraordinária de Emygdio.

Os artistas também o levavam a passear fora do hospital, e um desses momentos foi registrado na pintura que ele chamou de *O Municipal*, feita tempos depois, de memória. Segundo Mário Pedrosa em *Os artistas de Engenho de Dentro*,

*O pintor atinge aqui um plano superior. O senso de espacial toma uma intensidade arrebatadora. Sob o pincel de Emygdio o nosso Teatro Municipal, tão arrivista na sua meia cultura, se transfigura, reverberando da luz misteriosa de certas madrugada prenunciadoras. Tudo está envolvido num halo espectral feito de rajadas de tintas, de roxos, azuis, de verdes, com cintilações amarelas.*

O pintor conseguiu pôr no quadro o que metaforicamente se tem chamado, em relação a quadros mais ilustres, de "o espírito do lugar". Com efeito, as sombras, o espaço, as rajadas coloridas ali reinantes lembram a atmosfera das grandes telas da época metafísica de Chirico, quando esse nome ainda significava um grande artista. Na pintura brasileira, tal densidade espacial, tal sopro de imaginação e poder sugestivo são quase desconhecidos.

Emygdio ajuda a criar essa nova relação autor/obra/espectador e a despertar um novo modo de sentir. Suas obras fazem perceber a força da imagem, traduzindo a experiência sensível, a vivência afetiva e a relação dos

espaços, pela forma silenciosa, dos homens e das culturas de todos os tempos. Mostra como a arte pode ser mais eloquente do que o verbo.

Finalizo propondo uma reflexão sobre algumas palavras de Mário Pedrosa a respeito da obra de Emygdio de Barros, o poeta do espaço:

*Emygdio de Barros é modesto e simples, inteiramente alheio aos complicados argumentos do cronista. Magro, retorcido como uma planta ao vento, de visão profunda e nostálgica, o branco dos olhos rosado de sangue, ele hoje vive apenas para nos dar ainda algumas imagens transportadoras do mundo visionário que jaz no sonho acumulado da humanidade e que ele é dos raros a nos transmitir com o seu pincel.<sup>8</sup>*

---

Glória Chan é mestre em Artes Visuais na linha de pesquisa de Imagem e Cultura da EBA-UFRJ, especializada em arteterapia pelo Instituto Sedes Sapientiae de São Paulo, pesquisadora do Museu de Imagens do Inconsciente (RJ), artista plástica, arte-educadora pela Escola de Belas Artes de São Paulo, pedagoga pela UNG.

## Notas

1 Pedrosa, M. *Os Artistas de Engenho de Dentro. Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 10.01.1950.

2 Idem.

3 Silveira, N. *O mundo das Imagens*. São Paulo: Ática, 1992: 69.

4 Idem, *ibidem*: 72.

5 Bachelard, G. *A Poética do Espaço*. São Paulo: Victor Civita, 1978: 199-200.

6 Silveira, op. cit.: 67.

7 Zanini, Walter. *Catálogo da XVI Bienal de São Paulo – Arte Incomum*. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 1981: 20.

8 Pedrosa, op. cit.